

O MESQUITA

Câm - Brasil 16 NOV 1987

Para onde vai o "trem" que o PMDB não nos deixa pegar

Em entrevista concedida ao correspondente do Jornal do Brasil em Washington, o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, de seu privilegiado ponto de observação, traça um extraordinário retrato das mudanças que se estão verificando na economia mundial e faz uma advertência às autoridades e aos políticos patrícios: o Brasil está correndo o seríssimo risco de perder esse trem para o futuro em que estão embarcados hoje todos os países mais ricos do mundo e mais alguns outros como Taiwan, Coréia do Sul, Espanha, Portugal e já recebe acenos até da União Soviética e da China Comunista. No passo em que vamos caminhando, tal qual o caranguejo com sua incrível capacidade de caminhar para trás, ficaremos como eternos passageiros do trem para Bangladânia, aquele que leva a uma terra economicamente tão pobre quanto Bangladesh e politicamente tão totalitária e tão fechada quanto a Albânia.

Esse passaporte para Bangladânia está sendo carimbado por meio de uma política que classificamos em recente editorial de foquismo, uma guerrilha econômica deliberada e muito bem estruturada visando afastar do Brasil toda e qualquer colaboração externa. Os exemplos desta política de foquismo aparecem todos os dias: a declaração da moratória e a forma como ela foi conduzida; a reação do PMDB ao acordo provisório alcançado pelos negociadores brasileiros nos EUA; a reação do governo à legítima e legal pretensão da Autolatina de ter os preços de seus produtos reajustados de acordo com a inflação e com base num protocolo assinado com o governo; e todas as votações na Constituinte contra a livre empresa de um modo geral e contra as multinacionais em particular, cujo exemplo mais recente foi a aprovação da "nacionalização" da distribuição de derivados do petróleo.

As consequências desse foquismo, só uma delas, pode ser medida com o que está acontecendo na área de informática: porque o governo brasileiro insiste em manter uma reserva de mercado na área de informática — reserva esta que, diga-se de passagem, prejudica mais aos brasileiros do que aos outros países — os Estados Unidos já começaram a impor sanções à entrada de produtos brasileiros em seu mercado, por enquanto quase simbólicas, mas que irão prejudicar vários setores da economia do País, atingindo diretamente uma das poucas áreas que estão indo bem — a balança comercial.

Esse foquismo está fechando o Brasil para o mundo econômico exatamente no momento que em todo o resto do planeta o movimento que se dá é exatamente na direção inversa. De fato, nesse final de século XX estamos assistindo, no campo econômico, à superação dos chamados Estados nacionais. A economia está vencendo todas as barreiras e todos os preconceitos e está-se internacionalizando cada vez mais. Para as grandes nações já não se pode mais falar hoje em uma economia nacional, mas em uma economia planetária. A economia autárquica, fechada, não usufruiu do fantástico surto de progresso que o mundo vem alcançando a partir desse processo de integração das economias nacionais.

Países como Taiwan e Coréia do Sul (e, mais recentemente, Portugal e Espanha) experimentaram um excepcional surto de progresso nos últimos anos. Por meio da importação de capital e de tecnologia das nações mais desenvolvidas, elas puderam desenvolver um moderno parque industrial e, no momento, já estão competindo em muitas áreas no mercado externo com os países que lhes forneceram dinheiro e conhecimentos. É o mesmo caminho que a União Soviética e a China estão agora procurando trilhar para tentar fugir do longo período de estagnação a que estiveram condenadas pelos regimes políticos que adotaram.

O embaixador Marques Moreira, em sua entrevista, aponta alguns acontecimentos ocorridos só nos últimos dias que prenunciam mais uma decisiva etapa neste processo de mudanças na economia mundial. Mostra ele, como exemplos, o lançamento das bases para criação de zonas de livre comércio entre os Estados Unidos, Canadá e México, o que traça um esquema progressivo de liberação de tarifas; e, no outro lado do mundo, as reuniões recentes dos partidos comunistas chinês e soviético que prenunciam e balizam verdadeiras revoluções econômicas nos dois países.

Segundo o embaixador brasileiro, esses acontecimentos indicam que "a distribuição das massas econômicas do mundo se está deslocando". Os principais eixos que se estão formando na economia mundial podem ser representados por quatro grandes blocos: nas Américas, pelo Canadá, Estados Unidos e México; do outro lado, pela União Soviética unida aos países do Leste Europeu; um terceiro bloco composto pelo Mercado Comum Europeu, agora definitivamente consolidado com a entrada de Portugal e Espanha e que estreitou seus laços com a África por meio do acordo de Lomé; por fim, na Ásia, com a China, Japão, Taiwan, Coréia do Sul e Hongkong. Quem estiver fora, como observa Marques Moreira, verá acentuar seu "periferismo geográfico, político e econômico" (grifo nosso).

O professor Peter F. Drucker, da Escola de Pós-Graduação de Clermont, Califórnia, em um artigo para a revista Foreign Affairs transscrito pelo Jornal da Tarde do dia 6 de junho deste ano, apontou outras alterações na economia mundial, três fundamentais:

"1. a economia mundial de produtos primários 'desacoplou-se' da economia industrial; 2. na própria economia industrial a produção 'desacoplou-se' do emprego; 3. os movimentos de capital, ao invés do comércio (tanto no que diz respeito aos bens quanto aos serviços), se tornaram a força motriz da economia mundial; os dois não se 'desacoplam' totalmente, porém a conexão se tornou tênue e, o que é pior, imprevisível" (grifo nosso).

Esses movimentos da economia mundial passaram a exigir novos tipos de comportamento das nações para que elas possam acompanhar as evoluções que se produzem com uma velocidade impressionante. Velhas categorias de raciocínio, tais como esquerda-direita, nacionalismo-entre-guismo, capital nacional-capital estrangeiro, burguesia-proletariado, mercado interno-mercado externo, política agrária-política industrial, não só já não servem mais para explicar os fenômenos econômicos como menos ainda se prestam para embasar opções de política econômica. A opção, como acentuou o ex-ministro Mário Henrique Simonsen em seu brilhante (e por isto odiado) artigo para a revista Veja é uma só: entre a modernidade e o arcaísmo, entre o futuro e o passado, entre a riqueza e a eterna pobreza.

E não há nenhuma saída para quem deseja a modernidade a não ser uma inserção definitiva e sem preconceitos no sistema econômico mundial, como ensinam o embaixador brasileiro e o professor americano:

"De agora em diante, qualquer país — como também qualquer atividade comercial, especialmente se for de grande porte — que queira prosperar terá que aceitar o fato de que é a economia mundial que tem a primazia, e que as políticas econômicas só terão êxito se fortalecerem, ou pelos menos não prejudicarem, a posição competitiva internacional do país. Esta talvez seja a mais importante — e com toda certeza mais notável — característica da economia mundial transformada". (Peter Drucker)

"...temos que buscar uma aproximação diária, agressiva, para fazer o País reencontrar as correntes tecnológicas e econômicas do mundo. Temos que voltar a nos apresentar ao mundo como uma de suas grandes alternativas — que realmente somos. Alternativa para investimentos, tecnologia, recursos financeiros, exportações, supridor de matérias-primas e produtos industrializados. Temos como vantagem ser o quinto maior país em superfície geográfica, o sexto em população e o oitavo em economia. Ou seja, temos nossos trunfos. Mas eles poderão nada valer se não percebermos nitidamente que o mundo está se transformando". (Moreira)

O que os fósseis políticos brasileiros — o senador saltitante e a turma do Eu SEI Tudo à frente — estão aprontando é exatamente o oposto: fazem tudo para celebrar o divórcio definitivo do Brasil com o resto do mundo e com a modernidade e para manter nosso país como uma das maiores preocupações da UNICEF no planeta, ao lado da Etiópia, de Moçambique...